

Atitudes simples fazem diferença

John Collier 2009 ©

Estou em Lima, Peru, aguardando o voo de volta à Europa — uma espera de seis horas. Portanto, tenho bastante tempo para refletir sobre o que acaba de acontecer. Apesar de o fim ainda não ter sido o que eu desejava, há muito para se pensar. Para começo de conversa, será que valeu a pena ter desistido do meu sonho de visitar Cuzco e a capital Inca em Machu Pichu só por conta da pergunta de uma garotinha, dirigida a mim na praça central da cidade há uma semana atrás? Eu já tinha até comprado as passagens aéreas!

O motivo principal da minha vinda aqui não foi gozar férias. Vim participar de uma equipe médica por duas semanas e tinha planejado fazer um pouco de turismo por uma semana antes de voltar para casa. As clínicas médicas foram muito eficientes e a equipe conseguiu atender mais de 1300 pessoas cujas vidas tinham sido devastadas por um terremoto. Depois das clínicas, Herman, meu tradutor, e eu, fomos para Arequipa, ao sul do Peru, ele para participar de outra equipe médica e eu para fazer um pouco de turismo.

Nós nos unimos aos turistas passeando por muitos prédios coloniais impressionantes na cidade e eu fui visitar o museu para ver Juanita, uma vítima sacrificial dos tempos dos Incas cujo corpo, perfeitamente preservado por 500 anos, foi encontrado no topo de um vulcão coberto por gelo. Assisti a um vídeo informativo produzido pela revista National Geographic descrevendo a descoberta do corpo e a cerimônia Inca. Tudo indica que, em tempos difíceis, os Incas buscavam apaziguar as montanhas (que eram consideradas deuses) e assegurar prosperidade para o futuro sacrificando uma garota pura no topo do vulcão. Juanita morreu com um golpe desferido contra sua cabeça, muito embora ela já estivesse intoxicada com bebida alcoólica e folhas de coca. Ao final do vídeo, me surpreendi ao ouvir o narrador dizer: *“Ela morreu para salvar seu povo. Quem pode dizer que ela estava errada?”*. Pois eu digo: “Que bom que nós não sacrificamos nossos filhos hoje em dia para assegurar a prosperidade de nossa nação!”.

Na segunda noite em Arequipa, fomos ao centro da cidade imprimir algumas fotos e, enquanto esperávamos, matamos o tempo passeando. Assistimos ao final de um casamento na catedral e acabamos entrando na praça que estava bem cheia de turistas sentados nos bancos ou tirando fotos uns dos outros em frente à fonte. Vimos um homem engraxando sapatos, algo que Herman queria fazer há algum tempo. Assim, paramos para engraxar nossos sapatos, primeiro o Herman e depois eu. Quando eu estava no banco, uma menininha de uns 11 ou 12 anos se aproximou vendendo balas. Infelizmente, não havia nada muito diferente nisto e nós dois compramos cada um uma barra de chocolates para apoiar sua iniciativa. Trocamos nossos nomes — o dela era Sofia. Ela nos disse que seu pai estava morto, que eram cinco crianças em casa e que ela iria dar o dinheiro para sua mãe. Até aí, nada muito diferente também.

E foi então que ela fez uma pergunta que mudou tudo, apesar de eu não ter percebido naquela hora: “Você já pensou em apadrinhar uma criança?”. Ela nos disse que tinha um padrinho, que também se chamava João, e que ela tinha participado de um projeto chamado “Nueva Esperanza”. Perguntamos mais: se ela tinha um padrinho, por que estava na rua àquela hora, tarde da noite? “Eu tive um padrinho”, ela disse, enfatizando o verbo no passado. Sua mãe a tinha tirado do projeto para que ela a ajudasse a ganhar dinheiro na rua para ajudar a família. Era muito bom lá no lar. Depois, descobrimos que ela também tinha um padrasto e fiquei pensando se não tinha sido ele quem decidiu que ela podia se tornar uma fonte de renda, sacrificando o seu bem-estar ao ponto de esperar que ela se aproximasse de homens brancos estrangeiros, tarde da noite. Fiquei imaginando o que acontecia em casa quando ela não conseguia vender o bastante. O que aconteceria em alguns anos — um pequeno sacrifício, para o bem da família?

Meus sapatos estavam prontos e eu paguei o engraxate. Outra criança chegou, parando perto do Herman. Ela tinha apenas 4 ou 5 anos e também carregava uma sacola com barras de chocolate para vender. As duas pareciam ser irmãs e de mãos dadas elas se foram. Herman e eu fomos pegar as fotos e a história deveria ter acabado aí.

Porém, durante a noite, a pergunta da menina, honesta e sem egoísmo, martelava em minha mente: *“Você já pensou em apadrinhar uma criança?”*. Na verdade, nós dois somos padrinhos de crianças. Esta não era a questão. O fato é que em sua situação triste e decepcionante (pressuposto que ela de fato estava decepcionada por ter de deixar o lar) ela estava pensando nas outras crianças. Apesar de sua esperança ter sido destruída, ela ainda podia ter esperança pelas outras crianças. Como na história da serva no Antigo Testamento que falou com a esposa de Naamã, mesmo não tendo nada, ela ainda podia perguntar — levantar uma questão indo direto ao ponto principal: alguns têm riqueza e influência e outros, nada. Esse já era um grande desafio, mas além dele, os pensamentos que tinha compartilhado com a equipe médica em duas devocionais que eu tinha conduzido, não paravam de me importunar. Na primeira, eu tinha refletido sobre o milagre no qual Jesus abre os olhos e os ouvidos de um surdo mudo. Eu tinha dito: quando a vida parece ter nos fechado em um círculo, Deus tem um jeito de abrir um caminho — é uma porta aberta no céu e nós só precisamos abrir uma porta em nossos corações. Na segunda devocional eu trouxe à memória da equipe o que Jesus disse: se nós recebermos a uma criança nós o recebemos. Agora tudo isto voltava a minha mente para me perseguir. A menina com sua pergunta tinha provocado uma abertura inesperada em minha vida! Será que Jesus tinha vindo a mim naquela praça? Será que eu tinha deixado que ele se fosse noite adentro para um caminho vulnerável e um futuro incerto e perigoso?

Na manhã seguinte, na hora do café, perguntei a minha anfitriã se ela conhecia o projeto “Nueva Esperanza”. Ela tinha bastante experiência com várias casas e centros de apoio aos pobres e pessoas vivendo situações de grande vulnerabilidade, mas não reconheceu este nome. Herman e eu tínhamos comprado passagens para uma viagem de dois dias pelas montanhas andinas. Eles passariam para nos pegar naquela manhã e depois disso teríamos apenas uma noite em Arequipa antes do voo na manhã seguinte para Cuzco, para a viagem dos meus sonhos. Saímos no ônibus, deixando o problema e a garotinha para trás.

Só que eu não consegui. A pergunta dela continuou a me perseguir ali no ônibus e durante toda a viagem: *“Você já pensou em apadrinhar uma criança?”*. E com aquela pergunta, o rosto de Sofia, honesto, apelativo, cheio de preocupação pelas outras crianças. Incapaz de dormir, peguei um livro que estava lendo. Nenhum alívio — ele expunha o fato de que as crianças são tratadas como “commodities” tanto nos países pobres como nos ricos — objetos para serem trocados, usados, explorados a fim de se obter lucro, manipulados para se tornarem consumidores fiéis. De fato, sacrificamos a infância para que ela contribua para a boa saúde do PIB de nossa nação! Assim, não havia outra saída a não ser voltar para Arequipa, procurar a menina e ver o que eu poderia fazer em seu favor!

Contei ao Herman a minha situação e propus cancelar meu voo para Cuzco e ficar em Arequipa para achar Sofia. Pensei que poderíamos descobrir mais detalhes sobre ela, pedir para encontrar sua mãe, talvez visitar sua casa, conhecer o padrasto. Mas, e se a casa se localizasse numa dessas áreas pobres e violentas, perigosas para turistas? Herman foi cauteloso no seu conselho, mas quando decidi procurar Sofia e deixar Deus abrir cada porta, à medida que chegávamos nela, ele me deu todo apoio. Ele tinha certeza que íamos encontrá-la porque era uma coisa de Deus. Eu queria ter toda essa certeza. Ideias vêm e vão e elas não chegam com etiquetas: “de Deus” ou “da sua cabeça maluca”! Nem sempre eu acerto. Mas eu não tinha escolha! Mesmo que nada acontecesse, eu sabia que precisava ser coerente com os textos que eu tinha ensinado a outros! Encontrei um telefone público e liguei para a empresa aérea. Fiquei animado ao descobrir que o preço para mudar a data não era absurdo. Era segunda-feira e ia viajar na sexta. Assim, eu tinha

três dias de volta a Arequipa para fazer o que fosse possível antes de viajar para a Europa no sábado.

Voltamos desse turismo, sem saber se conseguiríamos encontrar Sofia ou o que faríamos se a encontrássemos, mas confiantes de que Deus de alguma forma abriria as portas para nós. Naquela noite, discutimos à mesa do jantar o que fazer. Eles todos conheciam a cidade bem, mas nenhum deles tinha ouvido falar de “Nueva Esperanza”. Decepcionante. Conforme discutíamos o caso, alguém sugeriu que talvez ela não tivesse gostado da casa, que talvez tivesse problemas disciplinares, e que preferia a liberdade das ruas. Devido a um trabalho anterior com crianças de rua eu sabia que isto acontece com frequência. Ou talvez o padraсто fosse uma pessoa boa, mesmo pobre; um homem cristão que queria ver a família reunida. Mas, eu não conseguia acreditar nisto. Quando nos levantamos da mesa e começamos a arrumar as louças, todos me prometeram que iam tentar encontrar o abrigo.

Depois do jantar, Herman e eu, acompanhados de Cathy, a filha adulta de nossa anfitriã, fomos à cidade procurar Sofia. Achemos bom ter uma mulher conosco porque sentíamos que, de outra forma, poderia parecer que participávamos do turismo sexual e estávamos à procura de crianças vulneráveis. Fiquei pensando se eu estava apenas reagindo sentimentalmente ao ver uma criança necessitada. Demos a volta na praça várias vezes. Tinham menos pessoas do que no sábado à noite. Vimos duas ou três crianças vendendo balas, mas, ao disfarçadamente chegarmos mais perto, percebemos que não era Sofia. Perguntamos a uma delas se conheciam Sofia, mas ela disse que não. Achemos o engraxate. Ele se lembrou de nós, mas não se lembrava da menina. Cathy sugeriu que percorrêssemos outra rua que também tinha muitos vendedores. Mas não adiantou nada. Voltamos para casa desanimados. Nossa única esperança era encontrar a casa-lar mencionada pela menina. Talvez eles reconhecessem a garota. Se tivessem fotos, talvez poderíamos mostrar para eles de quem estávamos falando. Tínhamos poucos detalhes com o que trabalhar; não tínhamos nem certeza sobre seu nome! Fiquei imaginando um homem bondoso dando de ombros e dizendo: “São tantas crianças. Elas vêm e vão o tempo todo. É difícil dizer de quem vocês estão falando”.

De volta ao meu quarto, não conseguir ficar parado. Se não era possível achar Sofia, tínhamos que achar a casa-lar. Então tentei o Google. Em cinco minutos, tinha a informação! O *site* da casa, com um endereço e um número de telefone! Parecia ser uma organização respeitável, com uma boa missão e descrição de visão e *links* para outras organizações que eu conhecia. Isto me animou e com gratidão eu consegui dormir. Dormi bem.

Na manhã seguinte, no café, eu dei as notícias para os outros e ligamos para a casa. Marcamos uma visita para mais tarde e logo depois do almoço saímos nós quatro: Herman, nossa anfitriã, Lilian, seu marido e eu. O endereço ficava numa área pobre, ao norte da cidade. Como muitas outras cidades, Arequipa cresce rapidamente com imigrantes vindo do campo à procura de uma vida melhor. Eles constroem barracos com todo tipo de material que conseguem achar e saem à procura de trabalho. Porém, a oferta de trabalho de pessoas sem qualificação profissional não é muito grande e apenas alguns com sorte acabam conseguindo um emprego. Com o tempo estes agrupamentos acabam sendo incorporados à cidade. A área que estávamos procurando evidentemente já existia há algum tempo porque as construções eram melhores, algumas até bem vistosas. Porém, as ruas ainda não tinham calçamento, muitas casas ainda estavam inacabadas, havia pessoas nas portas e nas ruas sem qualquer ocupação, e o deserto se mostrava por todos os lados por entre as construções. Para nós, a maior dificuldade era a falta de nomes nas ruas. O endereço que tínhamos não adiantava muita coisa. Ligamos para a casa-lar pedindo instruções de como chegar e finalmente nos vimos na rua certa diante de um portão em cuja placa se lia “Nueva Esperanza”!

Apertamos a campainha e um rapaz veio até o portão para nos receber. Notei que tinha uma área de concreto com cestas para basquete, uma área gramada com bancos onde algumas meninas

estavam conversando e havia um cabo de aço no ar onde um rapaz pendurado escorregava em alta velocidade. Passamos por tudo isto, entramos num prédio e fomos conduzidos até um escritório no segundo pavimento. Fomos apresentados ao administrador, Bertin. O diretor estava nos Estados Unidos levantando recursos, já que os recursos diminuíram por conta da crise financeira mundial. Bertin pensou que queríamos conhecer a casa, o que era verdade; mas, primeiro, queríamos que ele soubesse do nosso interesse específico. Herman relatou a ele a nossa história começando com o engraxate e o nosso encontro com uma garotinha de rosto brilhante e a pergunta surpreendente: “Você já pensou em apadrinhar uma criança?”.

Ela havia estado com eles durante mais ou menos 1 ano e saído há alguns meses. Ela foi trazida até eles pela polícia ao ser encontrada vendendo doces nas ruas. Sua mãe não aceitou e foi até a justiça várias vezes para tentar recuperar Sofia. Ela prometeu que nunca mais deixaria sua filha vendendo coisas nas ruas novamente. Havia um padrasto, mas ele estava desempregado. A organização fez de tudo para ajudá-lo e até ofereceu emprego, mas, depois de dois meses, ele saiu do trabalho e não voltou. A organização conseguiu que uma assistente social visitasse a casa e auxiliasse na situação. Seu relatório foi negativo: Sofia estaria melhor em “Nueva Esperanza”. Mas o juiz pediu outro relatório, que concluiu o oposto: Sofia estaria melhor com sua família. Esse era o pensamento nesses dias. E a mãe prometeu repetidas vezes que não deixaria mais Sofia nas ruas novamente. Então o juiz determinou que Sofia voltasse para a família.

Pedimos para ver onde Sofia tinha morado. As crianças na casa viviam em quatro grupos familiares, um para meninos pequenos, outro para meninos maiores, outro para meninas pequenas e o último para meninas maiores. Visitamos o alojamento das meninas pequenas primeiro. Era um apartamento com quartos, banheiros, uma sala e uma sala de artesanato. As escolas estavam fechadas para as férias e por isto também encontramos as sete meninas maiores e sua mãe social. Contamos a elas que tínhamos encontrado Sofia na praça vendendo balas e a expressão delas mudou, ficaram tristes. “Ela estava tão feliz aqui”, disseram. Correram para pegar e mostrar fotos de Sofia com elas. A foto era meio formal, uma menina bem arrumada em uniforme de escola, muito simples e com uma expressão determinada, talvez até teimosa, e que nós reconhecemos imediatamente. Todas as meninas tinham convivido com a miséria. Nem todas eram órfãs, mas havia duas irmãs que tinham ido viver com a tia quando tinham apenas 8 anos. A tia as tinha vendido para o trabalho escravo. Felizmente, elas tinham sido descobertas e levadas a casa-lar. Isto tinha acontecido há uns dois ou três anos atrás. Perguntamos se muitas delas tinham padrinhos. A maioria tinha, mas duas meninas ainda esperavam sua vez.

Tiramos fotos, visitamos os dormitórios dos meninos (não tão arrumados) e conhecemos alguns voluntários dos Estados Unidos e Irlanda do Norte que estavam passando um tempo ali para ajudar. Os funcionários nos asseguraram que iam fazer todo o possível para trazer Sofia de volta, agora que tinham evidências de que a mãe tinha quebrado a promessa que fizera diante do juiz. Eles até disseram que talvez nós pudéssemos rever Sofia no dia seguinte ali na casa-lar. Honestamente, me parecia bom demais para ser verdade, mas voltamos para casa muito animados.

Naquela noite, Herman e eu fomos à praça novamente procurar Sofia. O que faríamos ou diríamos? Não podíamos raptá-la e levá-la para a casa-lar, mesmo que ela concordasse conosco. Pensei em tirar uma foto dela vendendo balas como evidência. Mas ela não estava lá, ou pelo menos, não conseguimos encontrá-la. Uma das outras crianças que vendia balas a conhecia e disse que ela só trabalhava aos fins de semana, de sexta à domingo. Então eu não a veria, porque meu voo para Lima sairia na sexta ao meio dia.

Passei outra noite sem dormir, pensando que, se a organização tivesse entrado em contato com a família, talvez eles tivessem sido violentamente antagônicos. Também recebi um e-mail de um amigo sugerindo que provavelmente Sofia estaria melhor com sua família. Então vieram as dúvidas: será que eu estava fazendo isso por mim mesmo? Talvez a equipe da organização tivesse

sua própria agenda — é fácil se apegar à criança a quem você está ajudando e a própria necessidade de alcançar seu objetivo pode se sobrepor às necessidades reais das crianças. Mudei meu voo novamente! Agora, viajaria no sábado ao meio-dia, o máximo que poderia ficar.

No dia seguinte após o café da manhã, liguei para a casa-lar e falei com Júlia, uma das voluntárias que falavam inglês. Eu queria visitar a casa para ver os detalhes. Marcamos uma hora para o próximo dia e ela me disse que tinha feito contato com a família e que, para minha surpresa, o padrasto tinha concordado em devolver Sofia para a casa-lar! Ele admitiu que achava difícil lidar com ela. Disse que levaria Sofia para a casa no dia seguinte. É claro que o caso não estaria encerrado até ela chegar. Além disso, a mãe poderia oferecer resistência, já que ela provavelmente tinha mais vínculo com a filha do que o padrasto. Porém, Julia se mostrou tão confiante que já tinha colocado o nome de Sofia na lista de crianças a serem inscritas na escola naquela manhã. Diante disto, e do fato de que estava chovendo e trovejando, decidimos não ir à praça procurar a menina naquela noite.

No dia seguinte, com um otimismo cauteloso, fui de táxi ao subúrbio empoeirado para ver Julia e descobrir se Sofia havia voltado. Não tive boas notícias. A família tinha prometido trazê-la de volta várias vezes nestes últimos dias, mas ela ainda não aparecera. Deram a desculpa de que estavam em outra cidade. Será que estavam levando Sofia para escondê-la? Julia me contou que, quando Sofia tinha sido levada da casa-lar, eles continuaram a pagar a mensalidade na escola para ela. Porém, assim que ela saiu, a escola os informou que começara a chegar tarde, sempre muito cansada, e que suas notas começaram a cair. Julia me garantiu que a família ia, mais cedo ou mais tarde, trazê-la voluntariamente a casa-lar. De qualquer forma, não dava para acionar a justiça neste momento porque o juiz responsável pelo caso estava de férias. A Justiça pode esperar. Porém, talvez o amor possa fazer o que a lei não consegue.

A noite de sexta-feira chegou — a minha última noite em Arequipa. Herman e eu demos uma última passeada pela cidade à procura de Sofia. Eu tinha feito um pequeno sacrifício, gastado um pouco de dinheiro feito uma viagem e pensei que talvez Deus me recompensasse. Por isso, só queria saber antes de partir que Sofia estava em um lugar seguro. Mas isto não aconteceu. Vimos várias mulheres mais velhas vendendo no meio do povo e algumas crianças pequenas. Mas nenhuma delas era Sofia. Engraxei os sapatos novamente — supersticiosamente! Ainda assim ela não apareceu. E assim eu tive de esperar, deixar e entregá-la para Deus.

Sentado no aeroporto, sinto gratidão por não servirmos a um Deus que espera sacrifícios de crianças para apaziguá-lo. Ao contrário, a Bíblia é taxativa quanto a essa ideia: qualquer sacrifício que talvez fosse necessário, Deus já o ofereceu na pessoa de Cristo. As crianças não precisam ser sacrificadas, quer nas montanhas ou nos vales, nas cidades ou no campo, nas famílias pobres ou ricas. Felizmente nós não mandamos crianças para Deus para garantir a nossa prosperidade. Isto é muito bom porque Deus vem até nós em cada criança, trazendo consigo uma riqueza muito maior. Mesmo os mais fortes, mais ricos e mais privilegiados entre nós podem ser desafiados pela pergunta simples de uma criança, não importando qual fraca, vulnerável, pobre, ou excluída socialmente, ela seja. Sem perceber, Sofia colocou o dedo numa questão crucial da questão do sacrifício: “Os filhos não devem juntar riquezas para os pais, mas os pais para os filhos” (2Co 12.14). Ou seja, como seguidores de Cristo, não sacrificamos os fracos — os fortes é que se oferecem em sacrifício pelos fracos.